

Eider Barreto de Oliveira Junior
Rafaela Oliveira Areal

Panela de Barro

E Moqueca

Capixaba



A lenda



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

GOVERNADOR
José Renato Casagrande

VICE-GOVERNADOR
Givaldo Vieira da Silva

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Maurício José da Silva

SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Joelson Fernandes

GERENTE DE AÇÃO CULTURAL
Rita Sarmento

GERENTE DO SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS
Nádia Alcuri Campos da Costa

SUPERVISORA EDITORIAL
Márcia Selvátice Tourinho

INSTITUTO SINCADES

PRESIDENTE
Idalberto Moro

GERENTE EXECUTIVO
Dorval Uliana

COORDENADORA DE PROGRAMAS E PROJETOS
Ivete Paganini

COORDENADORA DE PROJETOS
Lívia Caetano Brunoro

GESTORA DE PROJETOS
Davina Rezende

JORNALISTA
Silvana Sarmento

ASSISTENTES DE PROJETOS
Bruna Casoli
Patrícia Soares da Silva

Eider Barreto de Oliveira Junior
Rafaela Oliveira Areal

Panela de
Barro
E Moqueca
Capixaba
A lenda

Ilustrações: Rogério dos Santos

Secult
Vitória - ES
2014

Copyright © 2014 - SECULT
Governo do Estado do Espírito Santo
Secretaria de Estado da Cultura
Todos os direitos reservados ao autor
Email do autor: eiderpessoal@hotmail.com

ILUSTRAÇÕES: Rogério dos Santos
FOTOS: Eider Barreto de Oliveira Junior
REVISÃO: Claudia de Oliveira Barros Feitosa
EDITORAÇÃO: Bios
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Grafitusa

1ª EDIÇÃO

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Pública do Espírito Santo

O482p Oliveira Junior, Eider Barreto de
 Panela de barro e moqueca capixaba: a lenda / Eider Barreto
 de Oliveira Junior e Rafaela Oliveira Areal; ilustração de Rogério
 dos Santos. – Vitória : SECULT, 2014.
 20 p : il.

 1. Literatura infantojuvenil - lendas. I. Areal, Rafaela Oliveira
 II. Título.

CDD:B869.9282

Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult desde 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infanto-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado, é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. Este lançamento, por exemplo, realizado em sinergia com a política cultural

de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande, representadas por ações como a Biblioteca Móvel – que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente –, e a Biblioteca Transcol, que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

Maurício José da Silva

Secretário de Estado da Cultura

A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história”.

Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas. Em cinco anos, algumas dezenas de publicações, as mais diversas, permitiram ao leitor conhecer obras inéditas, gratuitamente.

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual tem sido profícua. O acesso gratuito às obras, a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratiza e incentiva o saudável hábito da leitura. Amplia o conhecimento de nossa produção literária, valoriza nossos autores e aproxima o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É uma nova contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

Idalberto Moro
Presidente do Instituto Sincades

“A Lenda”

Quando li este maravilhoso livro infantil me recordei dos contadores de histórias que sempre ouvia na minha infância, no meu Alegre natal.

Estes formadores de sonhos me permitiram conhecer muito da nossa história, da nossa gastronomia e do nosso folclore com relatos muitas vezes enriquecidos por mentiras saudáveis e sutis, mas que me permitiram tomar conhecimento de toda a nossa tradição e que hoje, adulto, procuro retransmitir.

Nos tempos de hoje, nossas crianças, tão informatizadas e ocupadas com atividades escolares e extracurriculares, não têm mais tempo para ouvir os idosos da família e com eles aprender história através de estórias.

Recebi com honra o convite para escrever esta introdução, pois acredito que, com a edição de livros como este, possamos transmitir às nossas crianças a importância de conhecer, vivenciar e valorizar as tradições.

Juarez Campos

Agradeço

A Hilda Mc Comb, certamente minha primeira leitora e provavelmente uma das minhas primeiras escritoras. Sempre me lembrarei de você.

A Uirandê, Viver e Salê (siano)... Por me ajudarem a formar intelectualmente Rafinha.

Ao vovô João. Este sim, sabia contar histórias.

Tudo começou com uma brincadeira, entre as várias que minha filha Rafaela e eu inventamos.

Na escola dela, as aulas sobre o folclore capixaba não contemplavam nenhuma lenda sobre dois grandes ícones do Espírito Santo: a Moqueca e a Panela de Barro. Assim, nos propusemos a criar uma história acerca do tema.

A brincadeira não evoluía, até que um dia, fazendo uma oficina de escultura dentro da exposição da Camille Claudel, no Museu de Arte do Espírito Santo - MAES, a inspiração nos brindou.

Ao utilizarmos o material vindo do barracão das paneleiras de Goiabeiras, quase toda a ideia nos veio em ritmo de conversa. Rafaela participava por meio das perguntas e as deveria responder se colocando na condição da personagem central. As esculturas viraram uma maquete e suas fotografias, parte da ilustração.

Este livro não tem outra pretensão a não ser mostrar às pessoas que pais e filhos podem ter uma relação inspirada e prazerosa. Seu maior valor está no “caminho caminhado” e menos no “destino alcançado”. E para coisas desse tipo, fórmulas existem, não se preocupem: deixem-nas guiarem as brincadeiras – elas sabem o que fazem.





Reza a lenda que há muito tempo, quando só os índios habitavam as terras capixabas, houve um longo período de colheita ruim e escassa pesca no mar. A pequena índia Lua Brilhante ficava especialmente triste uma vez que, além de sentir o problema na própria barriga, era muito solidária ao seu povo e sofria com o sofrimento dos seus irmãos.

Até que um dia Lua Brilhante foi falar com o Pajé da tribo.

– Senhor, eu quero pedir que apele aos deuses para que interrompa todo este flagelo.

– Menina, eu não posso fazer isto! – respondeu o Pajé. – O único feitiço que conheço só pode ser feito se quem solicitar der em troca o que há de mais valioso em sua vida. Diga-me: o que é mais importante para você?

A pequena pensou e, com toda certeza, respondeu:

– Minha família e meus amigos.

– Pois bem. – retrucou o Pajé. – Você seria capaz de abrir mão disto para acabar com toda esta fome?

– Se esta for a única solução, eu aceito.

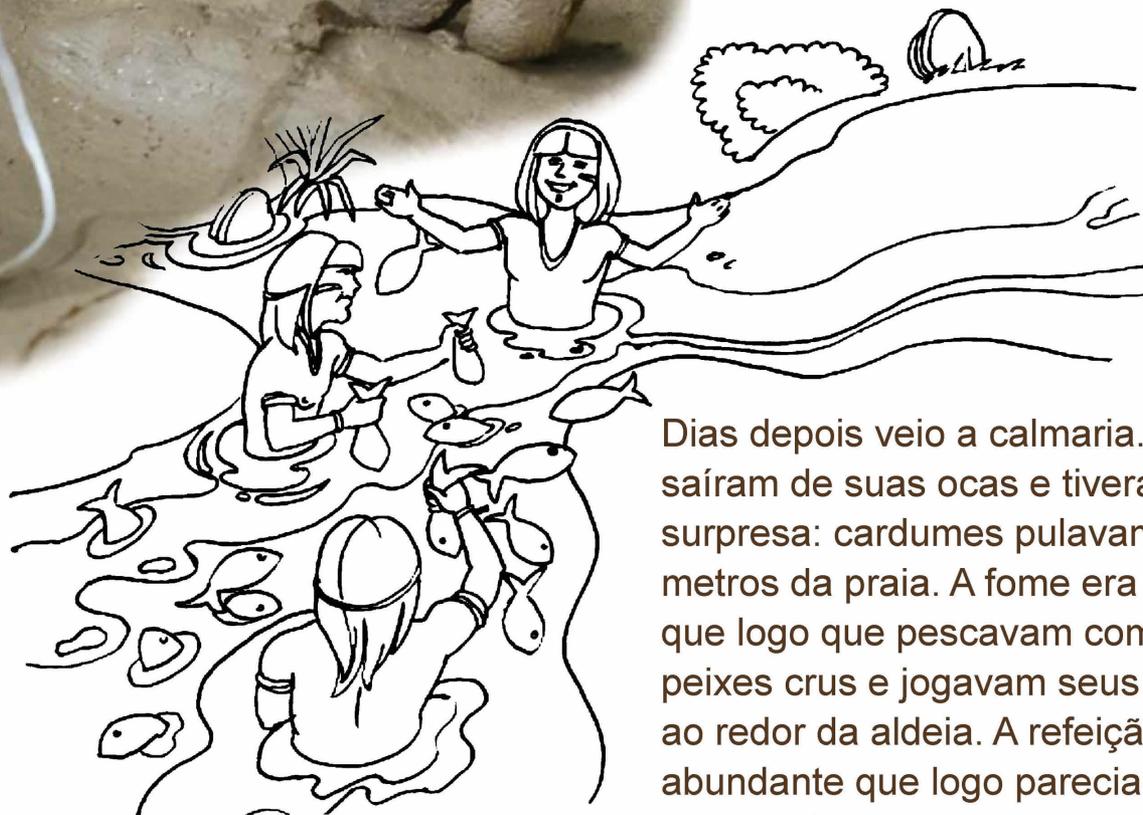




Dito isto, o Pajé foi aprontar a cerimônia. Antes, mandou preparar uma grande cesta para que nela a indiazinha fosse levada para uma caverna desconhecida. Tupã deveria ter certeza da sua separação em definitivo dos familiares e amigos. Com tudo pronto, o Pajé iniciou a cerimônia da abundância. Colocou sua máscara de feiticeiro e, de frente para o mar, entoou um canto triste.

Repentinamente o céu escureceu. Estrondos nunca ouvidos começaram a soar. Tupã respondia ao chamado do Pajé e evocava toda a natureza para a grande mudança. As águas profundas vieram à superfície e o que estava na superfície foi tragado para as profundezas do mar.





Dias depois veio a calmaria. Os índios saíram de suas ocas e tiveram uma surpresa: cardumes pulavam a poucos metros da praia. A fome era tão grande que logo que pescavam comiam os peixes crus e jogavam seus ossos ao redor da aldeia. A refeição foi tão abundante que logo pareciam estar em uma bacia de ossos de peixes.



Tudo aquilo mudou o humor da tribo, permitindo até lances de invenção e criatividade. A vovó de todas as índias, a Coruja Feliz, teve a ideia de fazer de barro um utensílio de cozinha no formato daquela “bacia de ossos” que circundava a taba. Com a panela pronta, passou a cozinhar o peixe com os temperos que eram muito abundantes naquela região: cebola, tomate, coentro e urucum.



Só um grupo parecia muito triste: a família, os amigos e o papagaio da pequena Lua Brilhante. Todos sabiam da coragem e acerto da sua decisão, mas seus corações não conseguiam ficar em paz com sua ausência. Enfim... aquele era um dia de pesca e a vida deveria continuar. Na primeira tarrafada, o pai de Lua Brilhante sentiu como se tivesse apanhado um dos grandes. Até precisou chamar seus outros filhos e a esposa para que ajudassem.



Tão logo recolheram a tarrafa, a surpresa irradiou de rosto a rosto. Não se tratava de um peixe, mas sim do balaio no qual estava Lua Brilhante.

Ao ser acordada, a pequena pode contar que esteve presa na caverna, mas que, estando ela próxima à praia, a fúria das águas a arrastou para o fundo do mar.

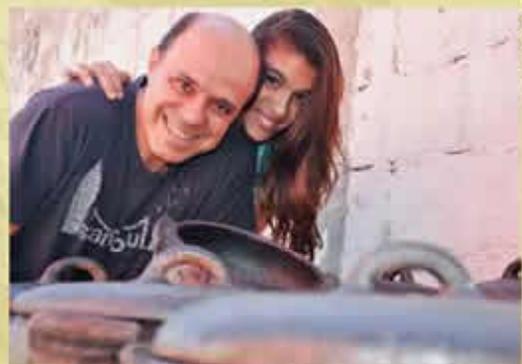


Logo que isto aconteceu, a sereia Pérola passou a ajudá-la, suprimo sua necessidade de comida e ar. Até que de repente ela se viu ali, junto dos que ela amava.

O cacique, vendo toda aquela confusão, correu para ver o que estava acontecendo. Quando ficou sabendo da história, determinou que, em todo dia de festa, a tribo deveria comemorar, juntando a família e comendo uma moqueca – um peixe cozido da mesma forma e naquele tipo de panela que a Coruja Feliz tinha inventado.



Engraçado! Solicitado a redigir breve biografia para essa primeira obra deparei-me com uma questão insólita. Quando e onde eu "realmente" nasci? Os registros dizem em São João Del Rei, vivido na Paraíba, voltado a Minas, passado por Rondônia e ficado em Vitória. Mas a sensação é de que nasci na escola técnica de Juiz de Fora, na efervescência política do Grêmio, me formei nos rincões pobres de Rondônia e pós-graduei no movimento estudantil, fazendo Odontologia na UFES. Súbito, troco o pensamento: aos 50 descubro-me escritor e pai de novo... Teria nascido agora? Talvez. Digamos que sou do mundo, atualmente capixaba e que nasço a cada projeto que me enche o coração e os olhos.



JO VIANA GDF 02

APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO



SECRETARIA DA CULTURA



Eider Barreto de Oliveira Junior
Rafaela Oliveira Areal

Panela de Barro

E Moqueca Capixaba



A moqueca se transformou, no século XX, no grande símbolo de identidade capixaba. A historiadora Patrícia Merlo (UFES) constatou a presença deste prato em 87% dos estabelecimentos comerciais do ramo dos alimentos no Espírito Santo. A preferência da população pelo cozido do peixe em panelas de barro pode ter o ingrediente de uma tradição inventada, mas sem dúvida possui fundas raízes históricas. Há documentos do século XVI que mostram o assado de carnes e peixes com a denominação *moquém*, assim como se encontra com maior frequência no século XVIII o vocábulo moqueada vinculado às carnes dos peixes. A prática consistia basicamente em colocar sob brasa o alimento envolto em folhas. Câmara Cascudo, clássico estudioso do folclore brasileiro, indica a aceção do *moquém* na língua tupi como *secador*. A singularidade capixaba nessa forma de cozimento se encontra associada ao uso da panela de barro queimada de acordo com técnicas artesanais. Resulta daí recipiente que permite lenta cocção e manutenção da temperatura fervente mesmo depois de extinto o fogo. Nos ingredientes da moqueca abundam a tintura de urucum, o coentro e o azeite doce, revelando a boa e saborosa mistura de diferentes tradições. É com prazer, portanto, que lemos um texto produzido por pai e filha em homenagem à moqueca reinventando sua origem e apresentando a todos nós versão lúdica dum símbolo tão caro aos capixabas.

A lenda

*Adriana Pereira Campos - Professora de História da UFES
(graduação e pós-graduação em História e Direito)*

